

LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA: ENTRE A RUÍNA E O SEM SENTIDO

Gustavo Pizzicola¹

Resumo: A ideia de Literatura e de crítica literária encontra-se, a partir da Modernidade, em um processo de desaparecimento, devido principalmente à crise dos pressupostos básicos que norteavam tanto o fazer literário quanto sua crítica. O objetivo central desse artigo é refletir acerca da fratura essencial dos campos da Literatura e da crítica literária, e da persistência de ambos em manterem-se nessa mesma fratura, incapazes de lançarem-se para além de sua dissolução. Para tanto, discute-se e se retoma o pensamento de Michel Foucault e Maurice Blanchot sobre Literatura, crítica e interpretação. Conclui-se que crítica e Literatura perduram indecisas em seu desaparecimento, e assim permanecerão, melancolicamente, como ruínas que se abrem ao homem moderno.

Palavras-chave: Crítica Literária. Literatura. Ruína.

Introdução

As condições epistemológicas da Modernidade colocam em um impasse não somente boa parte das Ciências Humanas como também a prática da Crítica literária. A filosofia e as Ciências Humanas veem-se diante do duplo que é o homem. Ao mesmo tempo sujeito e objeto de conhecimento, a ilusão antropológica acerca da existência de algo como uma essência humana advém justamente de uma confusão entre o empírico e o transcendental². O impasse residiria então na tentativa, sempre frustrada, de pensar o impensado, ou ainda, de buscar uma essência desse duplo empírico-transcendental que é o homem³. Em contrapartida, a Crítica literária tem seus fundamentos estremecidos quando se passa à denúncia de uma série de ilusões relacionadas intimamente com o surgimento do homem enquanto objeto de conhecimento. Assim, uma série de princípios antes incontestados começa a entrar em crise: o Autor, o Sujeito, a Representação, o Significado etc. Dupla consequência: o crítico deve então readequar-se para dar conta do estremecimento sofrido pelos fundamentos de sua prática, enquanto o artista se depara com problemas formais determinados

¹ Mestrando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: pizzicola@gmail.com.

² “Pois o limiar da nossa modernidade não está situado no momento em que se pretendeu aplicar ao estudo do homem métodos objetivos, mas no dia em que se constituiu um duplo empírico-transcendental a que se chamou homem.” (FOUCAULT, 2002, p. 439)

³ “Porque é duplo empírico-transcendental, o homem é também o lugar do desconhecimento – deste desconhecimento que expõe sempre seu pensamento a ser transbordado por seu ser próprio e que lhe permite, ao mesmo tempo, se interpelar a partir do que lhe escapa.” (FOUCAULT, 2002, p. 445)

por essa modificação no quadro de saberes da Modernidade. Mútua implicação também: a crítica passa a observar atônita uma literatura que não consegue acompanhar, enquanto a literatura já não se vê refletida por essa mesma crítica.

Há aqui dois campos paralelos que merecem análise mais detalhada: primeiro, o campo literário, com suas conseqüentes modificações advindas das novas relações estruturadas na *episteme* Moderna; segundo, a crítica literária, com as aporias nascidas dessas mesmas relações. Dito isso, o intuito desse artigo será jogar luz sobre a drástica mudança operada na literatura a partir, principalmente, de Mallarmé e Rimbaud e, em seguida, delinear os limites de uma crítica literária incapaz de ir para além de certos pressupostos que possibilitaram seu aparecimento. De um lado, encontra-se o retorno a Michel Foucault e Maurice Blanchot para verificar aquilo que entendem por literatura e por uma prática crítica; de outro, há a necessidade de uma revisão daquilo que foi dito por esses autores, ainda que seja para constatar a falência dupla da literatura e da crítica literária no contemporâneo.

1 O impasse do conceito de literatura

Embora somente tenha adquirido seu sentido moderno a partir do século XIX⁴, o conceito de literatura conseguiu dar conta de definir e abarcar boa parte das produções estéticas que apareciam unidas sob sua designação. Excetuando-se alguns casos limite, textos fronteiros de definição incerta (os diálogos de Platão, o gênero ensaístico⁵), a definição do texto literário como texto ficcional pôde contemplar uma série de textos com características mais ou menos próximas.

O campo literário, no entanto, no fim do século XIX, sofreu dois grandes impactos que podem ser resumidos sob o signo da obra de Mallarmé e de Rimbaud. Por um lado Mallarmé, com seus poemas, vai eximir a linguagem da

⁴ “Na verdade, foi só com o que chamamos hoje de ‘período romântico’ que as nossas definições de literatura começaram a se desenvolver. O sentido moderno da palavra ‘literatura’ só começa a surgir de fato no século XIX. A literatura, nesse sentido da palavra, é um fenômeno historicamente recente: foi inventado mais ou menos em fins do século XVIII e teria sido considerado muito estranho por Chaucer, ou mesmo por Pope” (EAGLETON, 2006, P. 26).

⁵ Conferir, por exemplo, WELLEK e WARREN. Principalmente no primeiro capítulo, há uma discussão em torno de uma definição do literário e das exceções que escapam à definição.

necessidade de representação. Aqui, a língua aparece esvaziada de qualquer significado, apresentando-se como puro significante. De outro lado, Rimbaud descentralizará o Eu, fundamento antes sólido que garantia ao mesmo tempo um sentido unívoco à obra e uma intenção fixa a um autor.

Esta mudança [do estatuto da linguagem] manifesta-se pela primeira vez no afastamento operado por Mallarmé da linguagem relativamente aos seus referentes exteriores e na desconstrução operada por Rimbaud da primeira pessoa do singular. Estas duas operações, e tudo o que implicam, minam os alicerces do edifício hebraico-helénico-cartesiano que albergava a *ratio* e a psicologia da comunicação na tradição do Ocidente. (STEINER, 1993, p. 91)

É nesse deslocamento decisivo da relação entre linguagem e sua capacidade de representação que reside a desestruturação do que até ali vinha sendo produzido sob a definição de literatura.

Michel Foucault, quando examina os desdobramentos no espaço literário de certas modificações de determinadas *epistemes*, parece se aproximar das conclusões esboçadas acima. Para Foucault, a passagem do período Clássico à Modernidade caracteriza-se por um abandono da ideia da linguagem enquanto reflexo cristalino da representação. A linguagem passaria a apresentar novamente certa densidade, se aproximando de seu ser. A literatura moderna seria o espaço desse encontro da linguagem consigo mesma.

Pode-se dizer, num certo sentido, que a “literatura”, tal como se constituiu e assim se designou no limiar da idade moderna, manifesta o reaparecimento, onde era inesperado, do ser vivo da linguagem. (...) Ora, ao longo de todo o século XIX e até nossos dias ainda – de Hölderlin a Mallarmé, a Antonin Artaud – a literatura só existiu em sua autonomia, só se desprende de qualquer outra linguagem, por um corte profundo, na medida em que constituiu uma espécie de “contradiscorso” e remontou assim da função representativa ou significante da linguagem àquele ser bruto esquecido desde o século XVI.

Deslocamento de grande impacto, que desdobra o espaço literário liberando-o de sua relação com a representação e de uma exigência comunicativa. E, justamente no mesmo século em que surge o conceito de literatura, o campo literário sofre então o impacto de uma reconfiguração de seu campo. O conceito de literatura acaba por surgir já anacrônico, incapaz de dar

conta das produções artísticas em consonância com a nova abertura do espaço literário⁶.

As obras de Mallarmé e Rimbaud, por exemplo, tomadas como representantes da Modernidade no âmbito da literatura, muito antes de trazerem marcada a essência do fazer literário, escapam a ele. Rumam, portanto, para um além da literatura e para seu inevitável desaparecimento. Pode por isso Maurice Blanchot (2013, p. 285) afirmar: “‘Para onde vai a literatura?’ Sim, pergunta espantosa, mas o mais espantoso é que, se há uma resposta, esta é fácil: a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento.”

A questão aqui não é meramente conceitual. Não é o caso de modificar a definição de literatura de modo a abarcar a produção Moderna, nem de reencaminhar toda essa produção destoante ao Mesmo do conceito anacrônico de *literatura*. Se assim se procede, acaba-se por esconder justamente a diferença irreduzível que as obras Modernas apresentam: a negação da representação e, com ela, de uma série de outros princípios tidos outrora como inabaláveis (autoria, interpretação, intencionalidade etc.) É nessa singularidade que a literatura não reside, e é por causa dessa mesma singularidade que essas obras simbolizam quase um para além da literatura. Não é nessas obras que o literário se afirma com mais força; é nelas que ele falta ou ao menos começa a ser colocado em xeque de modo incisivo. Retomando Maurice Blanchot, não é por meio dessas obras que o literário sobrevive, mas sim, por meio delas, que ele lentamente rumo para o seu próprio desaparecimento.

A literatura (e agora se percebe a dificuldade de se utilizar tal conceito, as sutilezas e contradições que se imiscuem no seu interior) se encontra entravada entre duas opções irrealizáveis: o retorno utópico a um período de inocência onde a literatura retomaria sua configuração clássica⁷, ou o passo além para uma pós-

⁶ Foucault (2002), em seu **As palavras e as coisas**, deixa por discutir a contradição do surgimento do conceito de literatura no seio de uma *episteme* Moderna. Nesse sentido, seria um contrassenso o aparecimento de um conceito evidentemente antiquado, mais em consonância com as condições *a priori* de saber do período Clássico. Essa dissonância, antes de ser mero fenômeno de superfície, depõe contra o entendimento que Foucault faz acerca das *epistemes* enquanto blocos sólidos e cindidos por descontinuidades irreduzíveis. Para uma crítica dessa abordagem, conferir o capítulo quinto de Merquior (1985).

⁷ Poder-se-ia arriscar, p. ex., a tese de que o *best-seller* representaria, em nossos tempos, a tentativa frustrada de reencaminhar a literatura para sua constituição clássica. Ao contrário, no

literatura, impossível de se instaurar de fato uma vez que toda tentativa de superar o literário advém necessariamente de dentro do campo literário. Fraturada, ela resiste nesse impasse.

Em um mundo cada vez mais secularizado, onde a morte de Deus já foi decretada, é a literatura que, principalmente, corre o risco de desaparecer. O sentido, o autor, a interpretação, a representação: todas as categorias sólidas que fundavam a prática literária foram postas em xeque. Não há possibilidade de regredirmos a uma consciência que se relacionaria com a literatura de modo inocente, dentro daquilo que ficou designado como uma *episteme* Clássica; muito menos, seríamos capazes de finalmente fazer uma literatura desvinculada totalmente dessas categorias, indo para além dela mesma e finalmente superando-se.

Ato contíguo, a crítica se vê agora destituída do seu espaço tradicional e de sua função clássica. Ao mesmo tempo em que não consegue dar conta satisfatoriamente de toda uma literatura moderna, seus mais rígidos fundamentos sofreram abalos profundos com a crise do sentido na Modernidade.

2 Entre a crítica e o comentário

A crítica, conforme se desenvolveu na épica Clássica e foi legada à Modernidade, perpetua modelos de exegese operados pela teologia cristã do início da Idade Média. Foucault, em sua conferência sobre o autor, analisa a perpetuação de um modelo de exegese cristão na crítica moderna.

Parece-me, por exemplo, que a maneira com que a crítica literária, por muito tempo, definiu o autor – ou, antes, construiu a forma autor a partir dos textos e dos discursos existentes – é diretamente derivada da maneira com que a tradição cristã autenticou (ou, ao contrário, rejeitou) os textos de que dispunha. Em outros termos, para “encontrar” o autor na obra, a crítica moderna utiliza esquemas bastante próximos da exegese cristã, quando ela queria provar o valor de um texto pela santidade do autor. (Foucault, 2006, p. 277)

entanto, de ser uma literatura de seu tempo, em total conformidade com a sociedade que a consome, o *best-seller* falsearia a forma artística, nunca conseguindo dar conta de configurar os conteúdos problemáticos que o contemporâneo oferece à criação estética. Sempre de fácil recepção, emulando modelos narrativos folhetinescos ou prendendo-se a regras já naturalizadas de determinado gênero, o *best-seller* sempre acaba por corresponder às expectativas de determinado grupo de leitores, tendo, por isso, pouca ou nenhuma força crítica.

Embora herdeira direta das técnicas de interpretação cristã, a crítica literária acaba modificando-se lentamente, assumindo para si novas técnicas e métodos. Isso, no entanto, não invalida o fato de que, a rigor, a crítica literária persiste basicamente como uma hermenêutica: ou seja, como interpretação e comentário. Nesse aspecto, ela não se desvencilhou totalmente da perspectiva exegética-teológica⁸.

Dentro da série de princípios e postulados centrais da técnica de interpretação, Foucault dá atenção especial à função-autor. Uma série de quatro definições mais gerais de autor é possível de ser extraída dos princípios de uma exegética cristã. O autor surge como nível constante de valor, como campo de coerência conceitual ou teórica, como unidade estilística, como ponto de encontro de certo número de acontecimentos. O autor seria um dos sistemas de coerção do discurso que, ao lado do comentário⁹, por exemplo, comporiam técnicas interpretativas – e a interpretação em Foucault, a princípio, também adquire um caráter de sistema limitador da proliferação discursiva dentro de uma sociedade.

Em outra análise, Foucault sinteticamente elenca duas suspeitas centrais acerca da linguagem que fundam a vontade de interpretação. Primeiro, a desconfiança de que a linguagem significaria algo mais profundo, para além dela mesma¹⁰. “O sentido que se apreende, e que é imediatamente manifesto, é talvez, na realidade, apenas um sentido menor, que protege, restringe e, apesar de tudo, transmite um outro sentido (...).” (FOUCAULT, 2000, p. 40). Segundo, a suspeita de que a linguagem vá para além do meramente verbal. “Afim, é

⁸ Pode-se analisar uma parte dos trabalhos de Roland Barthes, por exemplo, a partir de *A morte do autor*, como sendo tentativas de libertar a crítica literária de seu ranço teológico: “Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a mensagem do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original (...)” (BARTHES, 2004, p. 4).

⁹ Michel Foucault, em seu *A ordem do discurso*, coloca o comentário ao lado da noção autor como sistemas de coerção internos aos discursos: “O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto seja dito e de certo modo realizado” (FOUCAULT, 2009, p. 25-26).

¹⁰ Conferir, por exemplo, o *tropos* da alegoria, técnica ao mesmo tempo de composição e interpretação literária. Na Idade Média, esse *tropos* sofre um deslocamento, sendo em grande parte substituído pela ideia de figura. A figura tornou-se peça chave de interpretação da Bíblia por parte dos exegetas cristãos, o que, novamente, indicia uma íntima relação entre interpretação e teologia. Toda interpretação, talvez, exija como princípio um ato de fé de que um texto seja mais do que uma trama de significantes, de que, por fim, aponte para algo como um sentido (pode-se aqui retomar a ideia de um autor-Deus, de Barthes, como fonte de intenções e, por isso, doador de sentido à obra).

possível que a natureza, o mar, o sussurro das árvores, os animais, os rostos, as máscaras, as facas cruzadas, tudo isso fale; talvez haja linguagem se articulando de uma maneira que não seria verbal.” (FOUCAULT, 2000, p. 40). O filósofo francês, no entanto, ao analisar como esses princípios não deixam de serem construções de certa ordem discursiva, técnicas possibilitadas por uma determinada *episteme*, implode todo um aparato crítico que se sustentava sobre esses fundamentos.

Ora, com a denúncia da ilusão desses conceitos e princípios mais gerais que guiaram a técnica da interpretação, esta finalmente se encontra livre para multiplicar-se ao infinito – “(...) a interpretação finalmente tornou-se uma tarefa infinita.” (FOUCAULT, 2000, p. 45). Sem balizas, a interpretação adquire um caráter de incompletude perpétua e de reprodução constante. Essa parece ser a conclusão de Foucault em dois de seus trabalhos. Em um primeiro momento, encontra-se a constatação do impasse vivido na Modernidade entre a crítica e o comentário (que, aqui, é tomado como sinônimo de interpretação):

Desde a idade clássica, comentário e crítica opõem-se profundamente. Falando da linguagem em termos de representações e de verdade, a crítica a julga e a profana. Mantendo a linguagem na irrupção de seu ser e questionando-a em direção de seu segredo, o comentário se detém perante o caráter íngreme do texto prévio e dá-se a tarefa impossível, sempre renovada, de repetir em si seu nascimento: sacraliza-o. Essas duas maneiras de a linguagem fundar uma relação consigo mesma vão entrar doravante numa rivalidade de que ainda não saímos. (...) enquanto a dependência da linguagem relativamente à representação não for desfeita em nossa cultura ou ao menos contornada, todas as linguagens segundas estarão presas na alternativa da crítica ou do comentário. E proliferarão ao infinito na sua indecisão. (FOUCAULT, 2002, p. 111-112)

No excerto, fica claro o impasse entre uma crítica atrelada ao conceito ilusório (antropológico, poder-se-ia dizer) de representação – mas, pode-se acrescentar ainda, da autoria, do sujeito, do estilo etc. – e o comentário. No próximo excerto, Foucault descreve então quais as características de uma interpretação Moderna que escaparia ao impasse já descrito:

Esse aspecto essencial de inconclusão da interpretação, creio que está ligado a dois outros princípios, também fundamentais, e que constituiriam com os dois primeiros, de que acabo de falar, os postulados da hermenêutica moderna. (...) se a interpretação nunca pode se concluir, é muito simplesmente porque nada há a interpretar.

Nada há de absolutamente primeiro a interpretar, pois no fundo tudo já é interpretação; cada signo é nele mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas interpretação de outros signos¹¹ (FOUCAULT, 2000, p. 47).

Por dedução, à crítica literária caberia agora a reprodução sempre infinita de uma interpretação que somente se projeta sobre signos, em uma cadeia sempre interminável de novos comentários.

Mas, se Foucault extrai dessa infinitude de interpretações uma saída ao impasse crítica-comentário, hoje, no entanto, longe de ver nessa infinitude a solução para esse impasse, ela passa a ser o centro de outro impasse irresolúvel. Cindido entre a interpretação inverificável, porque sem qualquer baliza de correção, lançada a essa pluralidade inesgotável de outros tantos comentários, e a prática interpretativa clássica, sem esteio em nossa Modernidade, o crítico literário vê-se diante da impossibilidade de sua tarefa.

Há, no entanto, outro impasse mais profundo, análogo àquele diagnosticado no campo literário descrito na primeira parte desse artigo. Qualquer tentativa da crítica literária – entendida como prática interpretativa fundada sobre ideias como autoria, intenção, representação etc. – de superar-se, de ir para além de suas limitações e princípios, mostra-se impraticável. Como a literatura, quando a crítica ultrapassa seus limites, é justamente nesse ponto que ela ruma para o seu desaparecimento. Acachapado entre uma interpretação de fundamentos ilusórios, tendendo a multiplicação incessante, e um para além impossível de se constituir¹², o crítico observa passivo as ruínas que chegam a ele sob a designação de literatura.

¹¹ É necessário aqui fazer uma ordenação da profusão de termos utilizados por Foucault de maneira pouco sistemática. Comentário, interpretação e hermenêutica são usados basicamente como sinônimos. Comentário é utilizado em **As palavras e as coisas**, de 1966, termo que parece ter sido substituído por interpretação e hermenêutica em **Nietzsche, Freud, Marx**, de 1967. Por outro lado, o conceito de crítica, utilizado em oposição a comentário em **As palavras e as coisas**, parece ter sido substituído em **Nietzsche, Freud, Marx** por semiologia. As relações desses termos, no entanto, não se resumem a uma simples oposição entre a tríade comentário- interpretação-hermenêutica e crítica-semiologia. Há uma oposição interna a própria tríade: Foucault opõe uma hermenêutica clássica a uma moderna; uma interpretação acabada, a uma interpretação sempre inacabada. Entendemos nesse artigo o conceito de crítica literária como uma prática que condensa e perpetua a técnica clássica de interpretação. Isso, no entanto, não implica que ela não tenha assumido formas híbridas, mesclando-se ora com a semiologia ora com a interpretação moderna como entendida por Foucault. O objetivo aqui, no entanto, é analisar os limites da crítica literária e como ela se esfacela ao tentar ir para além deles.

¹² Deve-se frisar que, embora as inúmeras tentativas de formular uma crítica para além do sentido (semiologia) ou de um sentido aberto e plural (hermenêutica foucaultiana), a crítica literária não

Crítica e literatura, ambas presas às ilusões que não só as constituem como também possibilitam seu aparecimento, somente podem se libertar de seus limites correndo o risco de desaparecerem. Ainda assim, imaginar esse para além já seria iludir-se acerca do impossível que é falar fora da gramática e do sentido.

Conclusão

Desista!
Franz Kafka

A literatura ou falseia sua forma, e aceita com cinismo a série de ilusões antropológicas que condicionaram seu surgimento, ou aceita a cisão em que se encontra na Modernidade e passa a flertar com seu próprio desaparecimento. Tentativa de um ir além sempre inútil, uma vez que se dá já dentro do campo literário. Essa contradição é análoga à ideia de uma fala silenciosa, uma literatura que cala. Samuel Beckett e Maurice Blanchot fizeram dessa contradição o objetivo de boa parte de suas obras, sem, no entanto, resolvê-la.

A crítica, de seu lado, fica então cindida entre a interpretação sempre móvel de uma obra ou a análise inútil das condições que garantem que uma obra literária seja literária. Cindido entre uma crítica cujo tempo já passou e uma outra, cujo tempo teima em não chegar, o crítico observa melancólico a literatura dirigir-se a sua essência: o seu desaparecer. Sobre a literatura que hoje se configura, essa literatura que testa seus limites e ruma para um não-sentido, sobre essa literatura, a crítica não tem nada a dizer. Diante da literatura clássica, a crítica desespera, consciente das ilusões de seus fundamentos e de sua incapacidade de decifrá-la definitivamente.

Todo crítico deve ter em mente seu estado de extinção inevitável. E melancólico, silenciosamente, aguardar o momento em que, como último leitor, observará o lento desaparecer da ruína que é a literatura.

conseguiu (e nem conseguirá) se desvencilhar do sentido e do significado, perpetuando uma prática cínica, na qual, teoricamente, se desconstrói uma série de princípios que inevitavelmente reaparecerão na análise prática de qualquer *corpus*. A crítica somente pode se dar dentro dos limites da produção de sentido e da gramática que constitui a linguagem. Assim, de nada adianta alardear a morte de um autor-Deus, se só podemos falar de dentro de uma gramática. “Temo que jamais nos desembaracemos de Deus porque cremos ainda na gramática.” (Nietzsche apud FOUCAULT, 2002, p. 413)

LITERATURE AND LITERARY CRITICISM: BETWEEN THE RUIN AND THE NONSENSE

Abstract: The idea of Literature and literary criticism is, from Modernity, in a disappearance process, mainly due to the crisis of the basic assumptions that guided both the literary as do his criticism. The main objective of this article is to reflect on the essential break from the fields of literature and literary criticism, and the persistence of both to remain in that same fracture, unable to cast itself beyond its dissolution. Therefore, it discusses and takes up the thought of Michel Foucault and Maurice Blanchot about literature, criticism and interpretation. In conclusion, criticism and literature linger indecisive in her disappearance, and will remain, wistfully, as ruins that open to modern man.

Keywords: Literary Criticism. Literature. Ruin.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, Freud, Marx. In: *Ditos e escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. O que é um autor? In: *Ditos e escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

MERQUIOR, José Guilherme. *Michel Foucault ou O niilismo de cátedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

STEINER, George. Pacto quebrado. In: *Presenças reais*. Lisboa: Presença, 1993.

WELLEK, Réne; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1987.

Data de Submissão: 05/03/17

Data de Aprovação: 06/05/1